

NOTAS SOBRE O PAPEL DA PESQUISA EM CURSOS DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

RESEARCH ACTIVITIES IN UNDERGRADUATE EDUCATION IN INFORMATION SCIENCE

Nair Yumiko KOBASHI¹

RESUMO

A pesquisa é atividade fundamental na formação de profissionais da informação. O termo pesquisa é associado aos conceitos de ciência e de complexidade, aspecto característico da ciência pós-moderna. A seguir, discute-se a natureza da pesquisa docente e discente em Ciência da Informação e as condições de sua realização no âmbito dos cursos de graduação.

Palavras-chave: *pesquisa discente, pesquisa em cursos de graduação, ciência da informação.*

ABSTRACT

Research is an important activity in undergraduate education in Information Science. The term research is associated to the concept of complexity, as it is understood in the postmodern scientific context. The nature of scholarly research, the undergraduate student's research and the academic conditions to develop a research policy in undergraduate education are discussed.

Key words: *undergraduate student's research, undergraduate education, information science.*

INTRODUÇÃO

Assistimos, nas últimas décadas, a um importante processo de valorização da pesquisa nos cursos de graduação. A introdução dos Trabalhos de Conclusão de Curso nos currículos e o incentivo à Iniciação Científica, através de bolsas concedidas por agências de fomento públicas (CNPq

e FAPESP, entre outras) e, em alguns casos, por instituições privadas de ensino, são exemplos dessa valorização. Esse fato pode ser associado a dois aspectos, ao menos:

a) à adoção de novos conceitos de aprendizagem e de assimilação do conhecimento. Nessa perspectiva, as propostas de ensino mais recentes

⁽¹⁾ Professora da Escola de Comunicações e Artes, USP; Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação da PUC-Campinas. E-mail: nykobash@usp.br

propõem o abandono do fazer meramente técnico, substituindo-o pelo fazer saber. Prioriza-se igualmente, mais do que a relação discente/docente, a relação orientando/orientador. Semelhante modelo de formação considera a teoria, os modelos e os métodos como instâncias capazes de conferir sentido às operações técnicas específicas de cada área. É com base neste princípio, que inúmeros cursos de graduação vêm reformulando seus projetos pedagógicos, procurando sintonizá-los com propostas educacionais que valorizam o espírito crítico e a autonomia;

b) ao reconhecimento de que as respostas para os problemas da sociedade contemporânea requerem abordagem interdisciplinar. Considera-se, portanto, que a formação deve contemplar as teorias que se debruçam sobre os aspectos sociais, econômicos, culturais, cognitivos e tecnológicos das práticas humanas. Com efeito, no contexto atual, denominado por muitos de pós-moderno, a ciência vive a experiência da dissolução das fronteiras de especialidade. Resultam dessas mudanças novos campos científicos que nascem da integração de diferentes disciplinas, os quais recebem denominações que expõem explicitamente a interdisciplinaridade. Exemplos? Psicolinguística, Biofísica, Ciências ambientais, Geofísica, Ciências cognitivas, etc., que se organizam em núcleos de conhecimentos interconectados por múltiplos laços, para o qual concorrem pesquisadores oriundos de diferentes especialidades;

c) à necessidade de adequar o ensino de graduação à formação de recursos humanos aptos a atuar em uma sociedade que se intelectualiza de forma crescente. Nesse contexto, mesmo os trabalhos considerados simples requerem postura reflexiva, respaldada em conhecimentos sistemáticos e rigorosos, apoiados em teorias, em metodologias rigorosas e no diálogo com diversas disciplinas;

Outro fenômeno importante na sociedade contemporânea, é o lugar privilegiado atribuído à informação, pelo seu papel na relação entre Estado e cidadãos, na produção de conhecimentos, na tomada de decisão no interior das organizações e como instrumento de ação política dos movimentos

sociais (ONGS), que ilustramos com alguns exemplos:

a) em âmbito federal, estadual ou municipal, as secretarias de Estado, vêm colocando como uma de suas metas prioritárias, a universalização do acesso às informações, criando programas voltados para o cidadão;

b) na área científica, pode-se citar Milton Santos (Santos e Silveira, 2001) que, ao discutir seu campo de estudos – a Geografia – afirma que o recurso informação, fundamental para a área, deve ser analisado segundo diferentes perspectivas: sua distribuição territorial, sua qualidade e confiabilidade, seus produtores, possuidores e consumidores etc. Percepções análogas sobre a importância do recurso informação e sua relação com o conhecimento são compartilhadas por diversas áreas, fenômeno que se expressa na proliferação de núcleos ou centros de informação de áreas de especialidade;

c) a área da Administração, por sua vez, propõe modelos organizacionais fundados na circulação e compartilhamento de informações, ou seja, na Gestão do conhecimento, como modo de manter ou alcançar competitividade;

d) diversos setores dos movimentos sociais mantêm centros de documentação como uma forma de ação política. Para ilustrar, citamos primeiramente, o Instituto de Estudos da Violência do Estado (IEVE), órgão dos familiares de mortos ou desaparecidos políticos. O IEVE abriga o Centro de Documentação Eremias Delizoicov (<http://www.desaparecidospoliticos.org.br>), que seleciona, armazena, trata e divulga informações sobre as vítimas da ditadura militar (1964-1979). Em notícia² veiculada recentemente, a direção do Partido dos Trabalhadores (PT) afirma que, como parte de suas ações de preparação para as próximas eleições, está reestruturando o seu sistema de informações, dentro de um amplo programa de modernização de sua estrutura e de formas de vínculo com a população.

Estes exemplos permitem afirmar que não há atividade, seja ela científica, técnica, política ou artística, que não atribua valor à informação e à

⁽²⁾ O Estado de São Paulo, 09.03.2003, p. A6

sua circulação. Este último aspecto adquire, por outro lado, contornos específicos no contexto de uma sociedade informatizada. No caso brasileiro, com a revolução das telecomunicações, iniciada nos anos 70, as unidades e sistemas de informação (bibliotecas, centros de informação e documentação, empresas de comercialização de informação) passaram a contar com um recurso imprescindível para sua atuação em rede, tanto no que tange à produção, quanto à distribuição e circulação de seus estoques.

A Ciência da Informação³ é também profundamente influenciada pelos fenômenos acima expostos. Com efeito, no que diz respeito à formação, o objetivo da área passa a concentrar-se na idéia de fornecer aos alunos os instrumentos do conhecer e, mais do que isso, no esforço de capacitá-los a transformar conhecimento em habilidades. Espera-se, assim, formar pessoas aptas para o exercício das inúmeras funções de informação demandadas pela sociedade contemporânea. A formação, por sua vez, está, em nosso imaginário, invariavelmente ligada à pesquisa.

No entanto, o que entendemos por pesquisa? Como formular modos de integrá-la à educação dos profissionais da informação? E o que é pesquisa discente?

O QUE SIGNIFICA PESQUISAR?

Há muito se discute a polissemia do termo PESQUISA. Cabe perguntar: além de uma obrigação acadêmica, o que a pesquisa representa para nós? Certamente, a resposta mais comum associa a pesquisa à satisfação de descobrir algo novo que contribua para explicar o mundo e, de um ponto de vista pragmático, promova a elaboração de soluções para os problemas da humanidade.

A ciência, como instância criadora de explicações, é parte integrante da ciência moderna. O mesmo não pode ser dito em relação aos aspectos pragmáticos ou aplicados que, conforme Abraham Moles, são fatos recentes que modificaram o próprio conceito de ciência e os modos de conhecer:

O primeiro aspecto em que a ciência aplicada modificou nosso conceito científico do mundo, é a noção de **complexidade**. Sem dúvida, o mundo natural revelado ao cientista se lhe aparece complexo desde que ele desprende de um imediato que não é percepção simples e inteira salvo como fruto de um longo hábito, mas em “ciência pura”, o estudioso se isolou sistematicamente no estudo do fenômeno simples, artificialmente destacado da complexidade do real, e único suscetível de ser julgado pelo método cartesiano em sua pureza. Existe aí um amor à simplicidade, uma virtude do simples que reflete o temperamento do pesquisador: boa parte das experiências da física ou da química tem por fim abstrair do mundo real um “belo” fenômeno bem simples, bem puro, que será estudado à vontade.

Em compensação, a técnica descobriu rapidamente e construiu a **complexidade**, primeiro como soma de elementos simples inteligíveis, depois como um todo e, tomando confiança em si, fixou-se ousadamente na organização de sistemas complexos aos quais ela desde o início recusou o direito à falha. Foi pelo canal das aplicações técnicas que a ciência foi obrigada a descer da torre de marfim dos fenômenos puros e a encontrar a complexidade como um dos elementos do mundo moderno, primeiro nas estruturas elaboradas pelo homem, depois na Natureza, onde ela estava todavia tão evidentemente inscrita (MOLES, 1971, p. 21-22).

Aqueles que se dedicam à pesquisa científica - a comunidade de pesquisadores -, é constituída por diferentes atores. No caso de um pesquisador sênior, espera-se que suas descobertas ampliem as fronteiras do conhecimento. No âmbito da Ciência da Informação, os critérios de avaliação da pesquisa associam mérito científico e relevância social, por ser ela parte do conjunto das ciências sociais aplicadas e não ciência formal (como o são a Matemática e a Lógica, por exemplo). Sob essa ótica, a pesquisa na área envolve necessariamente a discussão dos problemas da produção e circulação da informação na sociedade e hipóteses de solução para tais problemas. Em resumo, espera-se que os resultados do trabalho do pesquisador sênior

³ Definimos este campo como sendo a área científica que se dedica ao estudo dos processos de comunicação da informação documentada e ao estabelecimento de metodologias de coleta, armazenamento e seu fluxo (García Gutiérrez, 2002).

contribuam para o desenvolvimento teórico e metodológico da área e, mais do que isso, que esse conhecimento tenha impactos na operação dos sistemas de informação.

O QUE É POLÍTICA DE PESQUISA?

Uma política é, primeiramente, um critério racional de se estabelecer prioridades. É seguida da construção de uma agenda e de formas de institucionalização e de organização dos atores do processo, além de criar espaços de interação, de intercâmbio e de disseminação permanentes de conhecimentos. Essa agenda não deve, certamente, contemplar o curto prazo. Ela deve opor-se de forma inequívoca à idéia de confinar a pesquisa ao horizonte restrito da busca de soluções para problemas pontuais ou locais. Ou seja, embora a Ciência da Informação tenha objetivos pragmáticos, ela não se confunde com a operação de sistemas de informação, esta última, tarefa dos profissionais da área. É necessário, portanto, compreender os diferentes tempos, métodos, estratégias e abordagens requeridos pelos problemas da produção, distribuição e consumo da informação no mundo contemporâneo e criar agendas que promovam o seu estudo.

As políticas e agendas de pesquisa adquirem contornos próprios, de acordo com os contextos em que se desenvolvem. As linhas e grupos de pesquisa serão bem sucedidos na medida em que consigam conjugar os objetivos da área com o contexto institucional em que operam. É esse aspecto que poderá promover a diversidade e a riqueza da criação de conhecimento na área.

A PESQUISA DISCENTE

Qual é o significado da pesquisa feita por alunos de graduação? Não se espera, certamente, que essas pesquisas resultem na descoberta de algo novo. Espera-se, contudo, que as atividades de investigação os ajudem a compreender melhor um determinado aspecto da realidade. Para isso, deve ser realizada com base em conhecimentos anteriormente sistematizados e em métodos

rigorosos. Uma característica da criação científica, seja ela feita por pesquisadores seniores ou iniciantes, permanece inalterada: ela deve basear-se no estado da arte e nas melhores ferramentas metodológicas disponíveis.

É através da pesquisa, portanto, que o aluno adquire um conjunto de competências, principalmente aquelas relativas às técnicas de pesquisa e de apresentação de seus resultados. Ou seja, a pesquisa capacita o aluno a coletar informações, a organizá-las de modo coerente e a apresentá-las de modo confiável e convincente, habilidades hoje consideradas indispensáveis não só nas áreas tradicionalmente conhecidas como científicas, mas também em áreas profissionais. Essas competências, uma vez assimiladas, tornarão o discente apto a trabalhar com autonomia, mais tarde.

POLÍTICAS DE PESQUISA E INTEGRAÇÃO GRADUAÇÃO/PÓS-GRADUAÇÃO

Dados recentes indicam que o locus privilegiado da pesquisa no Brasil são os Programas de Pós-Graduação. A criação do sistema de Pós-Graduação no país promoveu, portanto, a extensividade da pesquisa. Além disso, na maior parte das instituições universitárias do país, exige-se que os docentes desenvolvam projetos de pesquisa. Esta última encontra-se, portanto, institucionalizada.

Aqueles que fazem pesquisa científica sabem que ela é um processo em que se lida com o incerto e o confuso. É a experiência de conduzir sua própria pesquisa que o capacita a avaliar de modo adequado as pesquisas feitas por outros e a orientar os jovens pesquisadores. Dito de outro modo: pesquisas discentes bem sucedidas dependem da experiência de pesquisa acumulada pelo docente.

Nessa medida, dois princípios são inegociáveis nos projetos pedagógicos comprometidos com uma formação crítica: a) a transferência de conhecimento é antecedida pela produção de conhecimento; b) a orientação de projetos de pesquisa discente requer a presença de docentes com experiência na atividade de pesquisa.

Cabe perguntar: a) os docentes que atuam na área passaram pelas várias etapas da formação

para a pesquisa? b) Qual é a natureza das pesquisas feitas pelos docentes? Está sendo garantida a transferência do conhecimento produzido através de publicações e cursos? Os projetos de pesquisa em curso integram pesquisadores experientes, recém-doutores, estudantes (Graduação e Pós-graduação), e técnicos, de forma equilibrada?

Estas perguntas não pretendem ser impertinentes. Surgem da constatação de que na área, ainda se encontram projetos de pesquisa que não estão sintonizados com o estado da arte da área e utilizam ferramentas metodológicas que, por serem inadequadas, comprometem os resultados. Urge, portanto, nos vários níveis de ensino, discutir o que é pesquisa, estabelecer prioridades, construir agendas e determinar parâmetros e instâncias de avaliação de mérito científico e de relevância social dos projetos da área.

Cabe aqui registrar que a ABECIN⁴ vem promovendo o mapeamento das pesquisas discente e docente no país e no Mercosul. Esses estudos, apresentados nos encontros regionais, nacionais e de Escolas do Mercosul, têm trazido subsídios importantes para o delineamento de políticas de pesquisa pactuadas entre os integrantes das escolas e docentes associados à ABECIN.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa científica coloca-se como atividade fundamental para se compreender a sociedade contemporânea. Além disso, ela não é apenas instrumento do conhecer. Ao contrário, ela é condição para promover o aprimoramento do fazer. No entanto, em cada contexto de ensino, a implantação da pesquisa deve ser antecedida por respostas às perguntas: que tipos de pesquisas podem e estão sendo propostas aos alunos? Elas têm sido orientadas por docentes experientes capazes de examinar uma pesquisa e propor caminhos produtivos? Os docentes, por sua vez, desenvolvem pesquisas que respondem positivamente aos critérios de mérito científico e de relevância social? As pesquisas dos alunos têm contribuído para capacitá-los a coletar dados, a

organizá-los de modo coerente e a apresentá-los de modo confiável e convincente? Em síntese, as atividades de formação propostas têm contribuído, de fato, para promover a autonomia dos alunos? Nessa medida, propomos algumas questões para debate:

1. É necessário, na atividade científica, adotar a vigilância epistemológica, de modo a evitar o cientificismo, atitude que, em nome da racionalidade, confere à ciência uma tal grau de autonomia e fechamento, que a impede de refletir sobre seus princípios.

2. A política de pesquisa é parte integrante do projeto pedagógico da instituição. Por essa razão, requer a construção de consensos que agreguem os diversos atores do processo em torno de propósitos comuns.

3. A implantação de um projeto pedagógico requer a construção de acordos, sem os quais não se poderá garantir sua implantação. Acordos frágeis podem comprometer o projeto pedagógico como um todo. Desse modo, devem ser criados mecanismos de controle e avaliação que possam neutralizar atitudes individualistas que possam solapar o projeto pedagógico.

4. A formação científica de discentes impõe ainda que a instituição: a) disponha de professores que sejam pesquisadores; b) promova a unidade dos docentes em torno de agendas, linhas e grupos de pesquisa; c) evite a complacência, submetendo-se os projetos docentes à avaliação de mérito científico e relevância social e d) crie instrumentos de publicização dos resultados de pesquisa.

Gostaria, por último, de dar destaque à Pós-Graduação. A experiência mostra que a integração entre a graduação e a pós-graduação é fator decisivo para a consolidação da área. Boa parte da renovação do ensino de Ciência da Informação pode ser creditado ao contingente de novos docentes, com título de doutor ou em processo de titulação, que se incorporaram recentemente aos cursos de graduação. É esta, sem dúvida, a tarefa urgente que se coloca para as instituições onde já existem cursos de graduação.

⁴ Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação.

BIBLIOGRAFIA

- GARCÍA GUTIÉRREZ, A. **La memoria subrogada: mediación. Cultura y conciencia en la red digital.** Granada: Universidad de Granada, 2002.
- MOLES, A. **A criação científica.** São Paulo: Perspectiva, 1971.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- MORIN, E. **O método: 3. O Conhecimento do conhecimento.** Porto Alegre: Sulina, 2001.
- SANTOS, B.S. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática.** São Paulo: Cortez, 2000.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M.L. **O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2001.